

Notas autoetnográficas sob escombros: desenterrando os últimos vestígios do patrimônio árabe cristão entre Antioquia e o Brasil

José Rafael Medeiros Coelho¹

Resumo: Este artigo autoetnográfico analisa o impacto dos terremotos de fevereiro de 2023 a Antioquia (Hatay), província na fronteira entre a Turquia e a Síria, e os desafios para minha pesquisa de doutorado sobre a emigração dos cristãos árabes antioquinos para o Brasil nos séculos XIX e XX. O texto aborda as dificuldades do trabalho de campo em meio à destruição e à urgência de preservar a memória da diáspora cristã árabe antioquina. Propõe-se uma metodologia etnográfica e arquivística sob escombros, com enfoque na reconstrução da memória antioquina através do desenterrar de fragmentos — testemunhos orais, fotografias e outros vestígios da migração das famílias entre o Brasil e a Antioquia. O artigo explora a intersecção entre a perda de patrimônio tangível e intangível, identidade, pertencimento e a resiliência da comunidade em sua terra natal. Contribui para o debate sobre a preservação de memórias e identidades diaspóricas em contextos de desastre e reconstrução, destacando a relação entre a terra natal e a diáspora. Além disso, busca trazer à tona a identidade dos antioquinos como povos originários e enfatiza a importância de estudar a história de sua emigração, uma narrativa ainda pouco reconhecida, especialmente no contexto da diáspora síria pós-otomana no Brasil.

Palavras-chave: Antioquia; Brasil; Diáspora Cristã Árabe; Patrimônio Cultural, Terremotos de 2023.

AUTOETHNOGRAPHIC NOTES UNDER RUBBLE: UNEARTHING LAST TRACES OF CHRISTIAN ARAB HERITAGE BETWEEN ANTIOCH AND BRAZIL

Abstract: This autoethnographic article examines the impact of the February 2023 earthquakes in Antioch (Hatay), a province situated on the border between Turkey and Syria, and the challenges these events presented to my doctoral research on the migration of Antiochian Arab Christians to Brazil in the 19th and 20th centuries. The article addresses the difficulties encountered in conducting fieldwork amidst the widespread destruction and underscores the urgency of preserving the oral history of the Antiochian Arab Christian diaspora. It proposes an multi-sited ethnographic and archival methodology under the

¹ Doutorando no Departamento de Estudos do Oriente Médio da Universidade de Groningen. Seu projeto investiga as migrações pós-otomanas das comunidades cristãs árabes entre Antioquia e São Paulo (séculos XIX-XX), com foco no mapeamento desses processos migratórios e na preservação da memória e do patrimônio cristão árabe antioquino no contexto pós-terremoto. Possui um mestrado em Estudos Críticos e Culturais (Universidade do Bósforo, 2021), onde realizou um projeto etnográfico sobre políticas contemporâneas de espaço e identidade na fronteira da Turquia com a Síria, e um mestrado de pesquisa em Estudos Comparativos de História e Sociedade (Universidade Koç, 2024), com ênfase nas migrações otomanas e nas relações diplomáticas com o Brasil. É também editor da recém-publicada coletânea *Deprem Sonrası Antakya: Tanıklıklar, Miras ve Gelecek* (Antioquia no Pós-Terremoto: Testemunhos, Patrimônio e Futuro) (J. R. M. Coelho & A. M. Beylunioğlu, Eds., Istos, 2025). E-mail: j.r.medeiros.coelho@rug.nl. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8593-8433>.

rubble, focusing on the reconstruction of Antiochian memory through the unearthing of fragments — oral testimonies, photographs, and other remnants of the migration to Brazil. The article further explores the intersection of the loss of tangible and intangible heritage, identity, belonging, and the resilience of the community in their homeland. It contributes to ongoing debates on the preservation of diasporic memories and identities in contexts of disaster and reconstruction, emphasizing the relationship between the homeland and the diaspora. Additionally, it seeks to draw attention to the identity of Antiochians as autochthonous peoples and underscores the importance of studying the history of their migration — an often overlooked narrative, particularly within the broader context of the Post-Ottoman Syrian diaspora in Brazil.

Keywords: Antioch; Brazil; Christian Arab Diaspora, Cultural Heritage, 2023 Earthquakes.

A Terra Natal Olha por seus Filhos: o Mercado de Ourives como espaço de encontro entre São Paulo e Antioquia

Durante meu campo etnográfico em Antioquia², em 2020, fui hospedado por Ali³ — um alfaite árabe alauíta⁴ de longa trajetória — e sua família. Em uma manhã, após passar a noite em sua casa, como prometido no dia anterior, ele me levou ao *Uzun Çarşı* (Longo Bazar)⁵, um bazar que se estende por 3,5 quilômetros e cuja história remonta à antiguidade, quando Antioquia, situada entre o Mediterrâneo e a Anatólia, era um dos grandes centros comerciais da Rota da Seda. Ao longo dos séculos, a cidade foi um ponto de encontro entre diversas civilizações, como egípcios, assírios, romanos, persas, árabes e otomanos, sendo considerada um dos berços do cristianismo. O *Uzun Çarşı*, especialmente, se destaca como um símbolo duradouro dessa história entrelaçada — não só como um centro comercial, mas como um espaço onde culturas, tradições e povos coexistiram ao longo dos tempos até os dias atuais. Entre os labirintos de ruas e barracas lotadas, Ali conhecia o *Uzun Çarşı* como a palma da mão. Ele entendia seu ritmo, seus segredos e suas histórias. Durante 25 anos, trabalhou em ateliês, criando laços com uma rede de artesãos, comerciantes e frequentadores — cristãos, alauítas, sunitas e judeus — que davam vida ao bazar.

Ali gesticulava enquanto caminhávamos, apontando lojas antigas onde famílias trocavam mercadorias há gerações e oferecendo vislumbres das vidas daqueles que, em

² Em contextos oficiais, Antioquia (em árabe *أنطاكية*; em turco *Antakya*) refere-se ao distrito central (capital) da província de Hatay, localizada no sudeste da Turquia, na fronteira com a Síria. Historicamente, a região fez parte do Império Otomano sob a jurisdição de Aleppo, passou pelo Mandato Francês da Síria, no Sanjaco de Alexandreta (Khadduri, 1945) e pela República do Hatay, antes de ser incorporada oficialmente pela Turquia em 1939, quando a província passou a ser chamada de Hatay (Duman, 2016). Apesar disso, até hoje, as comunidades autóctones continuam a usar o nome Antioquia para se referirem a toda a província. Com base nessa perspectiva, neste artigo, utilizo “Antioquia” como sinônimo da província de Hatay. No entanto, ocasionalmente, emprego Hatay quando me refiro à província em seu sentido administrativo, especialmente em relação às leis provinciais e delimitações oficiais. Já ao mencionar o distrito da Antioquia, estou falando especificamente da capital da província, ou seja, da área onde se encontra o centro histórico da Antioquia, incluindo os bairros que a formam.

³ Neste artigo, foram utilizados nomes fictícios para preservar a segurança dos interlocutores.

⁴ Em Antioquia, o termo Nusayri é utilizado em documentos otomanos e estudos contemporâneos para se referir aos alauítas árabes, embora a população local não se identifique com ele devido às conotações pejorativas. Em vez disso, preferem se identificar como Alevi, e alguns usam o termo Árabe Alauíta (em turco, *Arap Alevi*) para se distinguir dos alauítas/alevis anatólios (Mertcan, 2013). Neste artigo, utilizo o termo Árabe Alauíta para destacar sua identidade étnica e cultural como um povo originário da província.

⁵ “Longo Bazar”, tradução do turco para o português.

outro tempo, chamavam a cidade de lar. Ele falava de uma época anterior à fragmentação da cidade, antes das feridas deixadas pelos eventos do século passado — a queda do Império Otomano; a disputa entre a França e a Turquia, que levou à partição da província com a Síria em 1939, da migração em massa de antioquinos e daqueles que, apesar das dificuldades, permaneceram na cidade; e mais recentemente, o aumento do autoritarismo na Turquia e as consequências da guerra da Síria sobre a cidade, que então abrigava centenas de refugiados. "Pessoas vêm e vão," ele disse, "mas o mercado permanece. É o coração desse lugar, um símbolo da vida que continua, apesar de tudo".



Figura 1 – Entrada do centro histórico, Igreja Grega Ortodoxa Antioquina. Foto de Bora Selim Gül, 2022. Acervo Nehna.

Enquanto nos movíamos pelo mercado, senti uma profunda conexão com o passado da cidade, uma sensação de continuidade que resiste às forças que tentam apagá-la. Foi ali, no coração do bazar, que encontrei as primeiras peças da história que vim contar — a história da comunidade cristã árabe de Antioquia, entre São Paulo e sua terra natal, sua sobrevivência, seu deslocamento e as memórias que carregam consigo.

Atravessamos as vielas do bazar e chegamos ao *Mercado de Ourives*⁶. Ali me levou até a loja de Corc⁷, um joalheiro de renome. Sua família, os Stephan⁸, assim como outras de origem cristã árabe⁹, manteve a tradição de ourivesaria no mercado por décadas, com algumas lojas com mais de cem anos. Quando Corc avistou Ali, seus olhos se iluminaram, como se fosse um encontro de velhos amigos que cresceram juntos no mesmo mercado. Cumprindo a tradição da hospitalidade antioquina, já nos convidava para dentro de sua loja. Sentamos em bancos e, de repente, ouviu-se o eco do vendedor de café chamando:

— *Kahve, kahve?*¹⁰

Imediatamente, Corc ergueu a voz para fora da loja:

— *Bize üç kahve!*¹¹

Em instantes, o vendedor apareceu com uma bandeja equilibrada, trazendo xícaras fumegantes de café antioquino, seu aroma intenso preenchendo o ambiente.

— Qual é o seu nome, *habib*?¹² — perguntou ele, com um sorriso acolhedor e uma curiosidade genuína, a mistura de turco e árabe fluindo suavemente, carregada do calor do sotaque antioquiano.

— Rafael — respondi, sorrindo.

Ele repetiu meu nome, como se algo lhe fosse familiar. Perguntou:

— Rafael... De onde você é? Você é da nossa *cemaat*?¹³

Eu já esperava essa pergunta, pois era algo que enfrentava frequentemente em campo.

— Na verdade, sou do Brasil — respondi.

— De que cidade? — perguntou ele, com interesse.

— São Paulo — respondi.

Diferentemente de outras ocasiões, quando outros antioquinos ficariam surpresos ao encontrar um brasileiro falando turco, Corc não demonstrou surpresa. Pelo contrário, seus olhos brilharam, e sua expressão se encheu de entusiasmo. Sem dizer uma palavra, ele começou a procurar algo na loja. Esticava-se para alcançar algo no canto superior esquerdo da loja. As prateleiras, avermelhadas pelo desgaste do tempo, exibiam a marca do artesanato antioquino — madeira esculpida à mão, com detalhes meticulosamente trabalhados. Ao longo da parede, colares, brincos, crucifixos e pulseiras de prata refletiam suavemente a luz, criando uma atmosfera acolhedora e atemporal. O tempo parecia se alongar enquanto eu observava, imerso naquele ambiente de lembranças e relíquias. Finalmente, Corc encontrou o que procurava. Com um sorriso de vitória, ele segurou o objeto e se virou para mim.

⁶ "Kuyumcular Çarşısı", original em turco.

⁷ Pronunciado como "Jorji" em turco, equivalente a Jorge em português.

⁸ Em Antioquia, muitas famílias de origem árabe adotaram nomes e sobrenomes turcos ao longo do tempo. No entanto, cada família árabe tradicionalmente possui um sobrenome familiar (laqab em árabe, lakap em turco), usado por gerações e amplamente reconhecido pela comunidade.

⁹ Neste artigo, refiro-me ao termo Cristão Árabe para descrever a comunidade antioquina, embora reconheça os diversos rótulos de identidade utilizados por indivíduos nas diásporas local e internacional, conforme observam Kaymak e Beylunioğlu (2018). Estes incluem termos como Arap Ortodoks (Ortodoxo Árabe), Arap Hristiyan (Árabe Cristão), Antakyalı Arap Ortodoks (Ortodoxo Árabe Antioquino), Arapça konuşan Rum Ortodoks (Ortodoxo Grego Falante de Árabe) e Antakyalı Hristiyan (Cristão Antioquino).

¹⁰ "Café", tradução do turco para o português.

¹¹ "Três cafés para nós!", tradução do turco para o português.

¹² "Querido", tradução do árabe latinizado para o português. Expressão carinhosa em Antioquia, usada por pessoas mais velhas ao se dirigirem a mais jovens, demonstrando afeto e proximidade.

¹³ "comunidade" tradução do turco para o português.

— Olhe! Eu também sou brasileiro — disse, com a voz transbordando de orgulho, enquanto mostrava uma fotografia antiga em preto e branco. Peguei a foto com cuidado. As bordas estavam desgastadas e a superfície levemente desbotada pelo tempo, mas a imagem ainda era nítida. O porta-retrato, feito da mesma madeira avermelhada das prateleiras ao redor, parecia conectar o objeto com o ambiente da loja. Ao examinar a foto, percebi que ela mostrava uma mulher segurando um bebê nos braços, cercada por seis crianças. Um homem estava sentado ao lado, com outra criança no colo. No verso da fotografia, uma inscrição em tinta desbotada revelava: *Miryan Nenem ve Çocukları*¹⁴.

— Essa é minha tia-avó — explicou Corc, a voz suavizada com a emoção.

— Irmã da minha avó.

Virei a foto novamente e perguntei:

— São Paulo? Foi então que notei outro detalhe: uma data — 1927.

Naquele instante, ao segurar uma fotografia que datava quase um século, percebi que Antioquia e São Paulo já não eram apenas pontos distantes no mapa, mas extremos de um único laço, entrelaçado nas histórias de famílias inteiras que cruzaram o Atlântico em direção ao Brasil. Enredos que se repetiam a cada esquina do Mercado de Ourives, no pátio da igreja, entre goles de café. Era como se cada narrador, ao falar de seus parentes e de suas jornadas de migração, ecoasse memórias vivas, testemunhos de um pertencimento de um povo originário que ultrapassa fronteiras temporais e nacionais, conectando gerações. Preservada em cada fragmento de memória — fotografias, cartas e depoimentos — a história da diáspora antioquina ao Brasil se recontava, entre partidas e retornos, exílios e reencontros, jamais se desfazendo. Em meio a esses relatos, das quase 370 famílias que restaram na cidade, sempre surgia o nome de Fernando Haddad. "O avô dele era daqui", "Fernando é Antioquino", diziam com um sorriso, mostrando que, mesmo do outro lado do oceano, a terra natal ainda se lembrava e olhava para seus filhos¹⁵.

A experiência no Mercado de Ourives foi apenas uma das muitas que vivi durante minha pesquisa de mestrado, intitulada *Paisagens Contestadas de Pertencimento na Fronteira Turco-Síria: a (re)criação da Antioquia e Defne* (Coelho, 2021). Durante esse período, busquei compreender os contrastes entre as narrativas oficiais da cidade que se apresentam como o Jardim das Civilizações¹⁶, e as formas de pertencimento construídas pelas comunidades autóctones antioquinas, explorando como esses sentidos de identidade se manifestam no espaço urbano¹⁷. As circunstâncias difíceis, como a guerra civil na Síria e a intervenção militar turca¹⁸, mudaram o ambiente de pesquisa na fronteira,

¹⁴ Tia Avó Miryan e Filhos, tradução do turco para o português.

¹⁵ Vinheta etnográfica, baseada em anotações de campo de 2020 em Antioquia.

¹⁶ Em turco Medeniyetler Bahçesi. Para mais estudos sobre a narrativa oficial da cidade como exemplo de convivência inter-religiosa, expressa em lemas como Medeniyetler Bahçesi a cidade da paz (barış), fraternidade (kardeşlik) e tolerância (hoşgörü), veja Lewis e Coelho (2024), Dağtaş (2020, 2025) e Doğruel (2009).

¹⁷ Por pertencimento autóctone antioquino, refiro-me à relação histórica, cultural e territorial das comunidades árabes com a cidade de Antioquia, anterior à criação da província de Hatay em 1939. Apesar das mudanças administrativas, a cidade permanece como um símbolo de pertencimento, transcendendo divisões religiosas, políticas e territoriais.

¹⁸ Durante minha pesquisa na província de Hatay, fronteira com Afrin, na Síria, enfrentei grandes desafios devido à Operação Ramo de Oliveira, em janeiro de 2018, e à ocupação turca da região. A presença militar intensificada e a vigilância turca criaram um ambiente de medo e desconfiança, com pesquisadores e jornalistas vistos como ameaças. Esse cenário, aliado à proximidade com as zonas de conflito, criou um ambiente de ansiedade, características frequentemente observadas em contextos de pesquisas etnográficas em tempos de guerra, conforme destacam Johler, Marchetti e Scheer (2010). Para mais informações sobre Afrin sob controle turco, consulte Al-Hilu (2019).

afetando as dinâmicas locais e ampliando as complexidades do contexto. A prática de caminhar pela cidade, inspirada por Michel de Certeau (2011), tornou-se um instrumento metodológico fundamental para desvendar as dinâmicas dos espaços urbanos e os deslocamentos cotidianos. Cada passo pelas ruas de Antioquia, como os que dei no bazar, revelava não apenas a geografia material da cidade, mas também as disputas simbólicas que permeavam seus espaços residenciais, comerciais, de lazer e de culto. Ao longo desse processo, meus passos se cruzaram com os de Ali, cuja presença foi decisiva para minha interpretação da paisagem cultural da cidade, transcendendo as fronteiras visíveis.

Entre 2018 e 2020, durante minha pesquisa de mestrado, acompanhei o impacto da Lei nº 6360, implementada em 2012, que redefiniu as fronteiras da província de Hatay e resultou na criação do distrito de Defne¹⁹. Essa reorganização territorial dividiu a capital de Antioquia, separando bairros centrais históricos que antes faziam parte do distrito da capital incorporando-os ao novo distrito de Defne. A mudança gerou uma divisão entre a população local, com a maioria sunita em Antioquia e uma significativa presença de não-sunitas, como os alauítas e cristãos árabes, em Defne. Esse processo intensificou as divisões étnico-sectárias e reconfigurou as relações de pertencimento na cidade. A partir da minha pesquisa etnográfica, analisei as implicações sociopolíticas dessa transformação, evidenciando como essas comunidades contestam a marginalização e reivindicam seu patrimônio cultural e identidade por meio de práticas espaciais, culturais e ideológicas na esfera pública. O estudo revelou, assim, as dinâmicas de poder que sustentam essa nova cartografia da fronteira turco-síria, contrastando as narrativas oficiais com as experiências locais e trazendo à tona as lutas contínuas por pertencimento e reconhecimento na região.

¹⁹ Para uma análise mais aprofundada sobre o impacto da reconfiguração territorial na província de Hatay, o processo de redistritamento partidário e a reprodução de novas fronteiras étnico-sectárias, consulte Coelho (2021), Lewis e Coelho (2024), Duman (2020) e Can (2020).

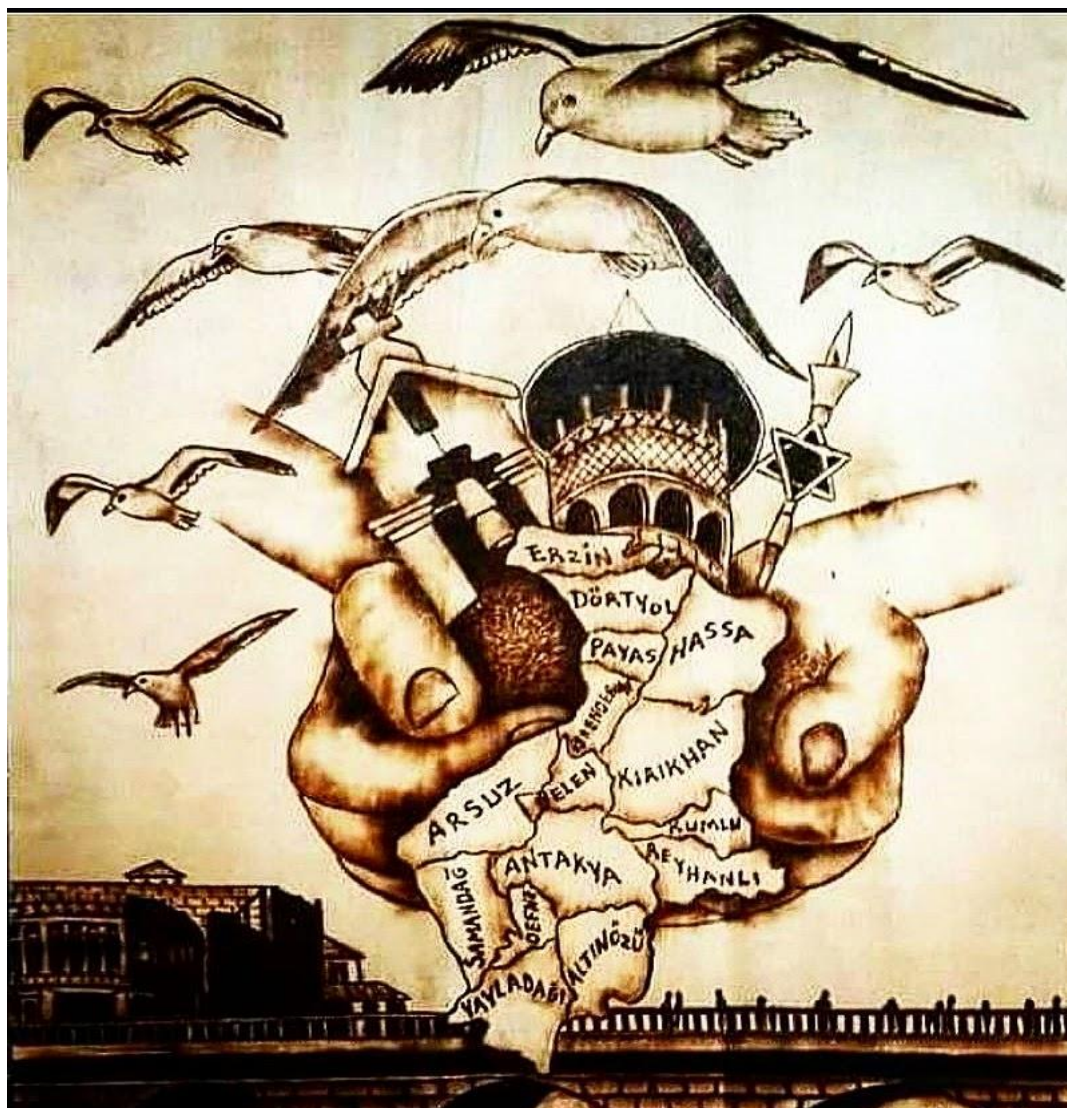


Figura 2 – Mapa artístico da província de Hatay com suas novas fronteiras, o Distrito de Defne, e o Jardim das Civilizações, criado em 2018, utilizando a técnica de pirogravura.²⁰

Embora tenha concluído meu mestrado em 2021, o encontro com Corc, uma representação viva da conexão entre Antioquia e São Paulo, foi mais do que um momento memorável no meu campo etnográfico²¹. Ele se tornou um ponto de partida para a direção da minha pesquisa, revelando os laços familiares que unem as comunidades antioquinas entre o sudeste da Turquia e a América do Sul. Era uma história das famílias cristãs árabes e seus processos migratórios que, há mais de 100 anos, buscaram exílio e novas oportunidades no Brasil. A fotografia de sua tia-avó, datada de 1927, foi o ponto de partida para uma investigação mais profunda sobre como as memórias, preservadas em objetos e histórias orais de familiares, carregam a memória diaspórica antioquina,

²⁰ A fotografia foi digitalizada pelo autor e o mapa, criado por um artista antioquino em 2018, tem permissão para uso, com o nome do artista mantido em sigilo.

²¹ A pandemia teve um impacto significativo na minha trajetória acadêmica, especialmente entre 2020 e 2022, período durante o qual iniciei meu doutorado em História. Para detalhes biográficos e aspectos acadêmicos da minha trajetória, consulte o artigo "Terremotos na Turquia impactaram trajetória de pesquisador brasileiro", de Patrícia Mariuzzo, publicado na seção Itinerários de Pesquisa da Revista Pesquisa FAPESP, em 16 de fevereiro de 2025, disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/terremotos-na-turquia-impactaram-trajetoria-de-pesquisador-brasileiro/>.

perdurando através do tempo e da distância. O que começou nas vielas do *Uzun Çarşı* me levou a um programa de doutorado em 2022, com o objetivo de documentar essa diáspora, traçando os vestígios e os laços familiares que entrelaçam o sentimento de pertencimento dos antioquinos, tanto na diáspora quanto em sua terra natal²². Com planos de iniciar minha pesquisa etnográfica e arquivística em Antioquia em fevereiro de 2023 e, posteriormente, no Brasil em 2024, estava pronto para começar a trabalhar. Mas, antes que eu pudesse dar o primeiro passo, algo inesperado aconteceu. Um acontecimento que interromperia minha investigação. Um evento devastador, repentino e irreversível, que não apenas ameaçou apagar as histórias e vestígios do patrimônio cultural que eu buscava preservar, mas também silenciou vozes, deixando apenas ruínas à beira do esquecimento.

Patrimônio Soterrado: os terremotos de 2023 e o destino da memória árabe cristã²³

*Sete vezes caiu, sete vezes ressurgiu das cinzas – a eterna Antioquia.*²⁴

Era 5 de fevereiro de 2023, por volta das 21h, quando liguei para Ali, ansioso para saber como ele e sua família estavam. A conversa, por vídeo chamada, foi repleta de entusiasmo. Eles estavam empolgados com minha volta a Antioquia e eu sentia uma mistura de nostalgia e expectativa. Já conhecia bem os membros de sua família que viviam no mesmo edifício de quatro andares e, entre risos e planos, discutíamos o que faríamos quando eu chegasse. Ali me lembrou do nosso desejo de voltar ao *Uzun Çarşı* e de como ainda queria documentar a foto da tia-avó de Corc, algo que não consegui fazer na última vez que estivemos juntos. A conversa seguiu, com planos de reencontros e novas descobertas. No entanto, algumas horas depois, enquanto a noite passava para o dia 6 de fevereiro de 2023, o silêncio da madrugada foi brutalmente interrompido. Às 4h17 (horário local), um terremoto de magnitude 7,8, com epicentro em Kahramanmaraş, Turquia, sacudiu o sul da Turquia e o norte da Síria. Hatay e seu distrito central, Antioquia, foram devastados (U.S. Geological Survey, 2023). Mas o pesadelo não terminou ali. Nove horas depois, às 13h24, um novo tremor, de magnitude 7,5, com epicentro também em Kahramanmaraş, atingiu a região, causando ainda mais destruição.

Os tremores foram sentidos em diversos países, incluindo Síria, Chipre, Líbano, Irã e até na Jordânia, com danos estimados em aproximadamente 350.000 km² e afetando cerca de 14 milhões de pessoas (Hüseyinoğlu, 2024). O que antes eram sons vibrantes da vida cotidiana de Antioquia, agora foram substituídos por gritos de dor, pavor e pedidos

²² Neste artigo, ao utilizar o termo "terra natal", estou me referindo ao conceito proposto por Sökefeld (2006) que destaca a importância da relação entre a diáspora e a terra natal para a constituição da identidade transnacional. O estudo da diáspora, em minha pesquisa de doutorado, não se limita a estudar o deslocamento e a vida na diáspora, mas também busca compreender como as narrativas da terra natal se entrelaçam com as da diáspora, tanto no Brasil quanto na fronteira da Turquia com a Síria. Ao traçar os laços familiares e as histórias de migração das famílias, é possível articular uma percepção transnacional da antioquinidade que transcende fronteiras físicas e temporais.

²³ Este artigo faz parte do crescente corpo acadêmico de relatos autoetnográficos em Antioquia no contexto pós-terremoto, como exemplificado por Arslan (2025), Hüseyinoğlu (2024) e Coelho (2024).

²⁴ O provérbio antioquino "Sete vezes caiu, sete vezes ressurgiu das cinzas" ecoa a resiliência da cidade diante de diversos terremotos, como os de 115 d.C. e 526 d.C., que causaram cerca de 260 mil e 250 mil mortes, respectivamente. Entre 148 a.C. e 1896 d.C., Antioquia sofreu 89 tremores, com mais de 100 no século XX. Os eventos de 1822 e 1872, ambos de magnitude 7, alteraram profundamente a cidade. Consulte Tekin (2025) para mais detalhes sobre os terremotos históricos e Tezer (2025) para uma análise do impacto de 2023.

de socorro. Tentei ligar para Ali várias vezes, mas a comunicação foi interrompida na região. A única pessoa com quem consegui falar foi sua filha, que, com a voz trêmula, disse: "Estamos vivos!", antes da linha ser cortada. Como Ali, outros amigos e famílias que haviam me hospedado, agora, estavam silenciados. O coração apertado pela incerteza me acompanharia por semanas, até que finalmente soubesse algo sobre eles.

O custo humano foi imensurável: mais de 50 mil vidas perdidas, 100 mil feridos, e 2 milhões de pessoas enfrentando problemas habitacionais, enquanto ao menos 5 milhões migraram para diferentes regiões em busca de refúgio e segurança (International Labour Organization, 2023). Em Antioquia, o impacto foi ainda mais devastador: 25 mil mortes e 563.751 moradores forçados a abandonar suas casas, sem saber o que os aguardava (VOA Türkçe, 2024).²⁵ Ali, que não tinha condições de se deslocar para outra cidade, perdeu sua casa e entes queridos, sendo forçado a viver em tendas no jardim da residência em ruínas. O mesmo destino atingiu outras famílias alauítas e cristãs árabes que haviam me acolhido ao longo da minha pesquisa de mestrado. A destruição as arrancou de suas raízes e as lançou em uma existência incerta e precária, sem saber quando, ou se, poderiam retornar para casa.²⁶



Figura 3 – Igreja Grega Ortodoxa de Antioquia antes dos terremotos. Foto de Evlin Hüseyinoğlu, Acervo Nehna, 2022.

²⁵ Os dados apresentados pelo governo eram comumente contestados pela população com quem tive contato em campo.

²⁶ É importante destacar que, embora o desastre tenha sido natural, a destruição não foi apenas causada pelos terremotos, mas também pela negligência do Estado turco e pela falta de ação imediata da Presidência de Gestão de Desastres e Emergências da Turquia, que direcionou seus esforços de resgate principalmente para áreas com maior potencial eleitoral para o governo, além dos problemas de urbanização precária, resultantes de um discurso neoliberal de governança municipal. Para mais detalhes sobre a história do terremoto de 2023 em Antioquia, a negligência do Estado turco e o impacto da urbanização precária, consulte Coelho (2025).

Em 2023, os terremotos de fevereiro devastaram a Antioquia, resultando em danos irreparáveis à cidade e ao seu patrimônio histórico. Em termos de danos materiais, 80.323 estruturas colapsaram ou ficaram inabitáveis, representando 80% da perda do território de Antioquia (VOA Türkçe, 2024). Com uma história que se estende por milênios, a cidade perdeu 21 de suas principais construções históricas — símbolos da cidade, como hospitais, escolas, edifícios públicos, a Mesquita Habib-i Nejjar, a Mesquita Ulu, a Sinagoga Antioquina e o edifício do parlamento, todos completamente destruídos. Para a comunidade árabe cristã, a perda foi profunda. A Igreja Ortodoxa Grega de Antioquia²⁷, símbolo de fé e história, foi reduzida a escombros, assim como o *Uzun Çarşı* e a *Saray Caddesi*²⁸ — locais que, mais do que mercados, representavam pontos centrais da vida social e cultural da comunidade. A destruição dessas estruturas não significou apenas o colapso de paredes e alicerces, mas o desmoronamento de uma história intangível, de arquivos da igreja, elementos fundamentais de um vínculo profundo com a terra natal. O terremoto se revelou, assim, uma ameaça à continuidade da identidade e pertencimento dos cristãos árabes. Das 370 famílias cristãs árabes que habitavam a cidade, apenas 20 permaneceram, enfrentando uma realidade incerta, com um patrimônio irreconhecível e uma memória coletiva soterrada.²⁹ A ameaça ao legado dessa comunidade, à sua história, cultura e fé, já fragilizada pela condição de minoria na Turquia, intensificou-se dramaticamente com os terremotos, colocando em risco não apenas sua presença na cidade, mas a própria continuidade de sua identidade e memória.



Figura 4 – Igreja Grega Ortodoxa de Antioquia após os terremotos. Foto de Evlin Hüseyinoğlu, Acervo Nehna, 2023.

²⁷ Em turco, “Antakya Rum Ortodoks Kilisesi”. A Igreja Ortodoxa de Antioquia ocupa um lugar importante na história do cristianismo. Registra-se que o primeiro nome de cristão foi dado em Antioquia e que a igreja fundada lá cresceu com os ensinamentos de Pedro e Paulo. O Patriarcado de Antioquia é um dos quatro grandes patriarcados do mundo ortodoxo, e, ao longo da história sofreu vários ataques e desastres, incluindo a recente destruição causada pelo terremoto. A estrutura e a disposição interna da igreja refletiam influências da arquitetura bizantina.

²⁸ “Rua do Palácio”, tradução do turco para o português.

²⁹ A informação sobre as 370 famílias cristãs árabes e as 20 que permaneceram no distrito central foi fornecida pela Fundação da Igreja Grega Ortodoxa de Antioquia, conforme seus registros de 2024. Uma parte se deslocou para Arsuz e Alexandretta, distritos localizados dentro da província, enquanto outra migrou para Istambul, Ancara, Mersin e alguns para o exterior.

Entre os escombros, restou um silêncio profundo, marcado pela ausência de notícias sobre Corc, sua família e tantos outros cujos destinos se tornaram incertos. A destruição que atingiu a cidade me mergulhou em uma angústia indescritível. Será que a loja de Corc havia sido destruída? Sua família e amigos sobreviveram? A foto da tia de Corc, com os rostos borrados pelo tempo, persistia em minha mente, talvez agora soterrada sob escombros, acompanhada pela sensação de uma missão inacabada. O desejo de retornar e resgatar àquelas histórias, agora mais frágeis do que nunca, se tornava um fardo pesado, um lamento constante, um silêncio de luto pela impossibilidade de preservar o que restava da memória da diáspora brasileira na terra natal.

Desenterrando Fragmentos: a pesquisa da diáspora cristã árabe brasileira sob os escombros de Antioquia

Como conduzir uma pesquisa etnográfica e arquivística quando a história de uma comunidade está sob escombros? Como documentar os testemunhos e memórias das famílias que partiram ou desapareceram, quando grande parte da população se deslocou ou, pior ainda, se foi para sempre? Essas perguntas surgiram após os terremotos, quando a magnitude da destruição me levou a repensar os caminhos da pesquisa. Contudo, a urgência de lidar com as necessidades básicas dos sobreviventes prevaleceu sobre o impulso acadêmico. Assim, entre 2023 e 2024, em vez de iniciar o trabalho de campo, vi-me imerso nas atividades humanitárias da organização Nehna,³⁰ em Istambul e Ancara, auxiliando nas ações de assistência aos afetados pelo terremoto. Essa imersão no cenário de dor e reconstrução tornou a retomada da pesquisa emocionalmente difícil, quase impensável. O contato diário com famílias em luto, a dor nos olhos de quem perdeu tudo e a ideia de reviver histórias de uma cidade ainda coberta pelos escombros, com memórias soterradas, faziam-me questionar se o trabalho acadêmico ainda fazia sentido.

³⁰ Nehna é uma plataforma criada por um grupo de pessoas de diferentes origens socioeconômicas e culturais, unidas pelo desejo de explorar, compreender e preservar o patrimônio cultural da comunidade cristã árabe ortodoxa antioquina. Para mais informações, acesse: <https://www.nehna.org/biz>.



Figura 5 – Vestígios da Presença Cristã Árabe: sob escombros da casa de um membro da comunidade.
Foto de J.R.M. Coelho, Arquivo Pessoal, Antioquia, 2024.

No entanto, esse confronto com a devastação me levou a repensar os caminhos da pesquisa. Em vez de buscar exclusivamente o que foi perdido em documentos intactos, fontes primárias ou nos espaços de convivência da comunidade que desmoronaram, como a Igreja Grega Ortodoxa de Antioquia, a investigação se transformou em um trabalho de reconstrução e mapeamento da memória diaspórica cristã árabe antioquina a partir dos fragmentos remanescentes: testemunhos orais de sobreviventes, objetos recuperados, arquivos da igreja resgatados, genealogias de famílias e outros vestígios que, tal como um arqueólogo que escava um sítio, revelam camadas de história, auxiliando na documentação da emigração antioquina ao Brasil e conectando-a diretamente à terra natal e às raízes dessa memória.



Figura 6 – Celebração da Páscoa. Foto cortesia da Fundação da Igreja de Antioquia, 2023.

Essa perspectiva e metodologia sob escombros permitiriam que meu estudo dessa história entrelaçada, visto sob a perspectiva da terra natal, fosse crucial para entender as complexas relações entre identidade, pertencimento e as condições históricas que moldaram o processo migratório da diáspora antioquina ao Brasil. Ao olhar para esses fragmentos de memória, poderia ser possível desenterrar o que foi silenciado nas historiografias nacionais e arquivos, resistindo à homogeneização e à diluição da identidade antioquina como povo originário, que muitas vezes se perde sob rótulos mais amplos, como o da identidade nacional síria, brasileira ou turca.³¹ Compreender essa história permitiria destacar as contribuições únicas dessa comunidade e o senso de pertencimento que permanece vivo, apesar dos riscos de assimilação e da perda de suas raízes culturais autênticas.³²

³¹ Nesse contexto, a comunidade antioquina, com raízes profundas em Antioquia, representa uma história migratória única dentro da diáspora síria no Brasil, ainda pouco reconhecida. Embora compartilhem vínculos com a identidade síria, sua singularidade se destaca, especialmente em relação aos oriundos de Aleppo, região com a qual Antioquia esteve associada com Império Otomano. Contudo, a falta de compreensão sobre sua história e a ligação com a Turquia faz com que muitos antioquinos sejam absorvidos por uma identidade síria homogênea. Esse processo de homogeneização, observado em comunidades como a de São Paulo, apaga as contribuições dos árabes antioquinos, que continuam a lutar pelo reconhecimento de sua origem em Antioquia. Reconhecer essa identidade é essencial para preservar sua especificidade e compreender sua contribuição, identidade e pertencimento, tanto no Brasil quanto na terra natal.

³² Ver Duman e Can (2024) para uma abordagem sobre história oral em Antioquia e Altuğ (2002, 2020) para estudos que desafiam os paradigmas da historiografia nacionalista francesa, turca e síria. Ver Neyzi (2004) e Matkap (2009) para estudos baseados na história oral de antioquinos.



Figura 7 – "Geri Döneceğiz!" – "Nós Voltaremos!", Antioquia, 2023. Foto de Nesime Kareteke.

A reflexão sobre a busca pelos vestígios diaspóricos, dentro de uma metodologia que emerge dos escombros, levou ao desenvolvimento de uma pesquisa multicampo que ultrapassa fronteiras físicas e temporais.³³ As redes de solidariedade antioquina, que surgiram ao longo de quase dois anos de trabalho humanitário, se entrelaçaram com meu projeto, assim como eu me envolvi com a causa deles. O desejo de reconstruir a terra natal, expressado nas palavras grafitadas nas paredes que ainda restaram de pé em Antioquia, nas frases simbólicas de retorno – "*Geri Döneceğiz!*"³⁴ e "*Hon khilikna. Hon binmuut*"³⁵ – reverberava nos corações dos antioquinos espalhados pelo mundo.³⁶ Com o retorno das famílias de diversas comunidades e a reabertura do *Uzun Çarşı*, renovou-se a esperança de documentar a memória da diáspora antioquina. Após quase um ano e sete meses, essa urgência me levou de volta a Antioquia, com a certeza de que, onde quer que os antioquianos estivessem, ali também seria meu campo de pesquisa. Desse modo, sigo com minha pesquisa, atravessando o sudeste da Turquia, a Anatólia, chegando ao Mediterrâneo e, por fim, ao Atlântico, nas ruas de São Paulo, convencido de que, em cada vestígio e memória fragmentada, a terra natal se estende, sempre olhando para seus filhos, onde quer que se encontrem.

³³ Para uma visão contemporânea que abrange reflexões das ciências da Informação sobre estratégias e metodologias para documentar a memória dos árabes cristãos antioquinos no período pós-terremoto, ver Coelho e Espírito Santo (2025).

³⁴ "Nós Voltaremos", tradução do árabe para português.

³⁵ "Nós nascemos aqui. Nós morreremos aqui", tradução do árabe antioquino latinizado para português.

³⁶ O dialeto árabe antioquino é escrito utilizando o alfabeto latino turco, com exceção dos livros eclesiásticos, que são tradicionalmente escritos em árabe para fins litúrgicos.

De volta ao campo: um café, um século, uma memória que persiste

Depois de uma viagem de dezesseis horas de Istambul à Antioquia, o motorista me deixou no meio da cidade.³⁷ Olhei ao redor e vi apenas uma nuvem de poeira cobrindo a paisagem urbana. O som das escavadeiras cortava o silêncio, como se toda a cidade tivesse se transformado em um canteiro de obras. Tudo que consegui ver primeiro foi a montanha *Habib-i Neccar Dağı*.³⁸ Tentei me localizar às margens do Asi,³⁹ na esperança de me reorientar. Entre os escombros, percebi que estava onde antes ficava a estação central, nos arredores do *Uzun Çarşı*, perto do centro histórico. Mas agora não havia mais rodoviária, apenas um terreno plano, adjacente a uma avenida larga e próximo ao leito seco do Asi. Meu telefone tocou. "Onde você está? Você já desceu?", perguntou Ali. Repeti para mim mesmo: "Onde estou?". "Boa pergunta", respondi. "Acho que estou onde ficava o antigo terminal de ônibus." Ele disse: "Siga o Asi, eu te encontro em frente ao *Meclis Binası*".⁴⁰ Segui o rio vazio, castigado pela estiagem. Caminhando em direção ao centro histórico, fui tomado por uma tristeza profunda ao perceber que a cidade que eu conhecia tão bem agora existia apenas em minhas memórias. Como um ente querido que morre, permanecia viva na lembrança, mas materialmente soterrada. Enquanto caminhava, olhei para o que restava do *Uzun Çarşı*. O bazar, que antes se estendia pelo Asi, agora era um amontoado de contêineres transformados em lojas improvisadas. O governo turco havia realocado os comerciantes cujas lojas foram destruídas nesses corredores temporários dentro do bazar. Por um segundo, minha vontade era entrar nesse labirinto de contêineres e tentar encontrar Corc. Mas Ali me aguardava, e se mal conseguia me situar em uma avenida reta, imagine dentro de um novo *Uzun Çarşı*, que outrora apenas com um guia experiente como Ali eu aprendi a percorrer.



Figura 8 – Lojas de Contêineres do *Uzun Çarşı* – Antioquia, 2024. Foto de Nesime Kareteke.

³⁷ Vinheta etnográfica, baseada em anotações de campo de 2024 em Antioquia.

³⁸ A montanha antiga que paira sobre Antioquia do Orontes.

³⁹ O rio Asi (العاصي, al-āṣī, em árabe, significando "o Rebelde"), também conhecido como Orontes, nasce no Líbano, atravessa a Síria e deságua no Mediterrâneo, na região de Antioquia, no sul da Turquia.

⁴⁰ "Prédio do parlamento", tradução do turco para português. "Prédio do parlamento".

Depois de quinze minutos, cheguei à ponte em frente ao *Meclis Binası*, agora em reconstrução. O edifício, outrora parlamento francês durante o Sanjaco de Alexandreta, e mais recentemente um centro cultural, foi onde muitas vezes sentei para comer *knafeh*,⁴¹ com amigos, admirando o Asi. Avistei Ali. *Hoşgeldin* (Bem-vindo), ele disse. Nos abraçamos, celebrando o reencontro após tanto tempo. Eu o havia visitado apenas quatro meses antes do terremoto de 2023 e, desde então, tantas emoções se acumulavam. Depois de quinze meses em uma tenda e sem apoio do governo, ele estava de volta à própria casa. Como tantos outros em Antioquia, foi deixado à própria sorte. Para recomeçar, vendeu o carro e construiu uma casa térrea, pois qualquer andar a mais seria arriscar demais diante dos tremores que ainda persistiam. Apesar da destruição e da perda, Antioquia voltava a pulsar. Os que permaneceram, como Ali, eram as sementes para um novo começo. Perguntei se ele tinha notícias de Corc. Ali disse que perdera contato com muitos amigos desde o terremoto. Não sabia dele nem de outros conhecidos. Para ele, era difícil retornar a certos lugares; perdera muitas pessoas queridas. Eu disse que iria procurá-lo e traria notícias. Mas, no fundo, temia o pior.



Figura 9 – Ruínas da Igreja Grega Ortodoxa de Antioquia, 2024. Fotografia de J.R.M. Coelho.

⁴¹ Knafeh (também chamada de künefe) é uma sobremesa típica do Oriente Médio, feita com fios finos de massa recheada com queijo e regados com calda adoçada. Em Antakya (Antioquia), na Turquia, ganhou fama como künefe de Antakya, sendo uma iguaria tradicional da região.

Naquele dia, não pude ir ao bazar. No caminho de casa, passamos pela *Saray Caddesi*, antes vibrante, agora irreconhecível entre os escombros. Minha respiração travou ao ver a Igreja Grega Ortodoxa de Antioquia ainda em ruínas, quase dois anos depois, esquecida pela negligência do Estado. A comunidade arrecadou fundos para a restauração, mas segue sem permissão para iniciar as obras. Entre as ruínas, fragmentos de vida: fotos, objetos quebrados, lembranças de uma história interrompida. A família de Ali estava ansiosa pela minha visita e preparara um grande jantar para me receber. Planejava ficar um mês na região antes de seguir para Alexandreta, no litoral mediterrâneo. O deslocamento em massa fez com que meu campo de pesquisa se expandisse para onde as famílias se reinstalaram. Os bairros históricos de Antioquia tornaram-se inabitáveis, transformados em comunidades de contêineres. Os cristãos árabes que tinham casas de veraneio na costa mudaram-se para lá, ainda esperando um dia retornar ao centro de Antioquia. Lá, seria hospedado por famílias que haviam migrado para Istambul e agora retornavam para a província, aguardando minha chegada para apoiar minha pesquisa. Depois de meses trabalhando com a comunidade em Istambul e Ancara, foi o apoio dessas famílias que me fez retornar. Elas queriam que suas histórias fossem contadas. Foi quando conheci um ourives cristão árabe em Alexandreta, que sabia do paradeiro de Corc. Ele me contou que Corc e sua esposa haviam se mudado para os Países Baixos após o terremoto, apoiados pelos laços familiares que já existiam por lá, mas, recentemente, voltaram para reabrir sua loja. Ele me deu seu número, mas decidi não ligar. Eu iria até lá e o veria pessoalmente.



Figura 10 – Fragmentos do Mercado de Ourives, parte que permaneceu de pé após os terremotos, Antioquia, 2024. Foto de Nesime Kareteke.

Ao retornar ao que restava do Mercado de Ourives, apesar das perdas, percebi que ainda pulsava com a energia de uma Antioquia antiga, cheia de vida. Entre os corredores improvisados e as fachadas desgastadas, surgiam ecos da cidade que existiu, onde

memórias e encontros resistiam ao tempo e à destruição. Encontrei a loja de Corc milagrosamente intacta. Ele e sua família estavam seguros, seus filhos agora estudavam nos Países Baixos, e a foto da Tia Avó dele, com parentes que emigraram para São Paulo, ainda repousava na prateleira, desafiando os terremotos. Com sua permissão, digitalizei a imagem, um gesto que, naquele momento, trouxe um alívio quase catártico. Enquanto conversávamos, um vendedor de café passou. Corc acenou para ele e pediu dois cafés. Ele colocou um na minha frente e sorriu. Foi como se o tempo tivesse voltado: um *déjà-vu*, como o café que bebemos anos atrás. Mas, desta vez, ele acrescentou algo que não me dissera antes. "*Bir fincan kahvenin kırk yıl hatırı vardır*", ele disse.⁴² Explicou que, em Antioquia e na cultura turca, acredita-se que um café compartilhado cria um laço de quarenta anos de memórias. Sorri, absorvendo o peso das palavras. O café, forte e escuro, fumegava em um copo fino e curvado, no estilo tradicional da cidade. "Parece que nos conhecemos há mais de quarenta anos, *habib*," acrescentou, misturando o árabe antioquino com o turco. "E que essa xícara de café selará mais quarenta." Mal saberíamos que, pouco depois, o governo demoliria o que restava do *Uzun Çarşı*, varrendo os últimos vestígios do mercado de ourives. Sob o pretexto de restaurar, apagaria as lojas, silenciaria as marcas do tempo impressas nas paredes, nos caminhos, nos gestos habituais de quem ali sobreviveu. Corc e sua loja seriam deslocados para o novo bazar de contêineres, um espaço provisório, metálico e estéril, incapaz de conter a alma de um lugar que levava séculos para se formar.



Figura 11 – Tia avó Miryan e seus filhos, 1927, São Paulo. Arquivo Pessoal da Família Stephan, com autorização para uso. Digitalizado por J.R.M. Coelho, 2024, Antioquia.

⁴² O ditado turco/antioquino "*Bir fincan kahvenin kırk yıl hatırı vardır*" pode ser traduzido como "Uma xícara de café carrega quarenta anos de memória". Na cultura turca e antioquina, essa expressão significa que compartilhar uma xícara de café com alguém cria um vínculo que transcende o tempo e a distância. Os 'quarenta anos' não são literais, mas servem como uma metáfora para a durabilidade da memória e o valor duradouro dos momentos compartilhados, especialmente ao encontrar velhos amigos ou conhecidos.

Restava a foto. Digitalizada, suspensa entre o passado do Mercado de Ourives e o que já se anunciava como ruína, ela se tornava um fragmento de resistência — uma lembrança preservada na iminência do desaparecimento — uma prova silenciosa dos últimos traços da diáspora brasileira, preservados por aqueles que permaneceram. Ela era testemunha do laço centenário que ligava Antioquia a São Paulo, formando uma rede de pertencimento que resistia à queda e à ressurgência da terra natal, insistindo em não se desfazer.

Referências bibliográficas

- Al-Hilu, K. (2019). Afrin under Turkish control: Political, economic and social transformations. *Middle East Directions (MED), Wartime and Post-Conflict in Syria*. <https://hdl.handle.net/1814/63745>.
- Altuğ, S. (2002). Between colonial and national dominations: Antakya under the French mandate (1920–1939) [Master's thesis, Boğaziçi University].
- Altuğ, S. (2020). The Turkish-Syrian border and politics of difference in Turkey and Syria (1921–1939). In *Syria: Borders, boundaries, and the state* (pp. 47–73). Palgrave Macmillan.
- Arslan, Z. (2025). Şubat 2023 depremlerinin otoetnografisi: Zorunlu göç ve dayanıklılık hikayesi. *REFLEKTİF Sosyal Bilimler Dergisi*, 6(1), 191–212.
- Can, Ş. (2020). Spatialization of ethno-religious and political boundaries at the Turkish-Syrian border. In *Syria: Borders, boundaries, and the state* (pp. 127–149). Palgrave Macmillan.
- Coelho, J. R. M. (2021). Contested landscapes of belonging at the Turkish-Syrian border: The (re)making of Antakya and Defne [Master's thesis, Boğaziçi University].
- Coelho, J. R. M. (2024). Enkas altından notlar: Görseller ve tanıklarla Antakya'nın hafızasını belgelemek. In *Antakya'nın hafızası: Gençlerin gözünden tarih* (pp. 43–61). Nehna. <https://nehna.substack.com/p/antakyanin-hafizasi>.
- Coelho, J. R. M. (2025). Defne'nin anlatılmamış hikâyesi: Hayali bir şehri yeniden inşa etmenin tehlikeleri. In J. R. M. Coelho & A. M. Beylunioğlu (Eds.), *Deprem sonrası Antakya: Tanıklıklar, miras ve gelecek* (pp. 140–169). Editora İstos.
- Coelho, J. R. M., & Espírito Santo, S. M. (2025). Hristiyan Arap kimliğinin kalıntıları: Antakya'da hafıza ve miras. In J. R. M. Coelho & A. M. Beylunioğlu (Eds.), *Deprem sonrası Antakya: Tanıklıklar, miras ve gelecek* (pp. 410–427). İstanbul: Editora İstos.
- Dağtaş, S. (2020). The Civilizations Choir of Antakya: The politics of religious tolerance and minority representation at the national margins of Turkey. *Cultural Anthropology*, 35(1).
- Dağtaş, S. (2025). *Under the same sky: Everyday politics of religious difference in Southern Turkey*. University of Pennsylvania Press.
- De Certeau, M. (2011). *The practice of everyday life* (1st ed.). University of California Press.
- Doğruel, F. (2009). *Hatay'da çoketnili ortak yaşam kültürü: "İnsanîyetleri benzer..."* İstanbul: İletişim Yayınları.
- Duman, L. (2016). *Hatay'daki uluslaştırma politikaları*. İstanbul: İletişim Yayınları.

- Duman, L., & Can, Ş. (2024). "Keşke kalsaydı": Yerel tanıkların gözünden bir Antakya tarihi. İstanbul: İstos Yayınları.
- Hüseyinoğlu, E. (2024). Courtyards of Antakya: Mapping community memories of a wounded city. Ajam Media Collective. <https://ajammc.com/2024/05/12/antakya-mapping-community-memories/>.
- Ilo, I. L. (2023). The effects of the February 2023 earthquake on the labour market in Türkiye.
- Johler, R., Marchetti, C., & Scheer, M. (2010). Doing anthropology in wartime and war zones: World War I and the cultural sciences in Europe. Bielefeld: transcript Verlag.
- Kaymak, Ö., & Beylunioğlu, A. M. (2018). Çelişkili kimlikler: İstanbul'da yaşayan Antakyalı Ortodoksların etnik/dini aidiyet algıları. Ankara Üniversitesi SBF Dergisi, 73(4), 959–989.
- Khadduri, M. (1945). Alexandretta dispute. The American Journal of International Law, 39(3), 406–425.
- Lewis, P. C., & Coelho, J. R. M. (2024). Mesopotamia and the Garden of Civilizations: Public life and the politics of solidarity and difference along Turkey's Syrian border. Conflict and Society, 1(aop), 1–28.
- Mariuzzo, P. (2025, February 16). Terremotos na Turquia impactaram trajetória de pesquisador brasileiro. Revista Pesquisa FAPESP. <https://revistapesquisa.fapesp.br/terremotos-na-turquia-impactaram-trajetoria-de-pesquisador-brasileiro/>.
- Matkap, S. (2002). Reconsidering the annexation of the Sanjak of Alexandretta through local narratives [Master's thesis, Middle East Technical University].
- Mertcan, H. (2013). Türk modernleşmesinde Arap Aleviler (Tarih, kimlik, siyaset). Adana: Karahan Kitabevi.
- Neyzi, L. (2004). Fragmented in space: The oral history narrative of an Arab Christian from Antioch, Turkey. Global Networks, 4(3), 285–297.
- Tekin, M. (2002). Deprem ve tarihte Antakya depremleri. Hatay: Hatay Folklor Araştırmaları Derneği.
- Tezer, T. (2025). Antakya'da deprem: Önce, bugün, sonra. In J. R. M. Coelho & A. M. Beylunioğlu (Eds.), Deprem sonrası Antakya: Tanıklıklar, miras ve gelecek (pp. 61–98). Editora İstos.
- U.S. Geological Survey. (2023, February 6). M 7.8 – 23 km ESE of Nurdağı, Turkey. <https://earthquake.usgs.gov/earthquakes/eventpage/us6000jlqa/executive>.
- VOA Türkçe. (2024, February 6). Depremi birinci yılında Hatay. <https://www.voaturkce.com/a/depremin-birinci-yilinda-hatay/7470126.html>.

DOI desta publicação: <https://doi.org/10.34024/z2xgev28>.